

GRUPO TRIÁDICO

Gessilda de Carvalho Padilha¹

Resumo

O artigo inicia apresentando a evolução do Grupo Triádico, desde a sua gênese, passando pela sua evolução e atingindo o estágio atual. No seu desenvolvimento, tece relevantes comentários sobre conceitos, referenciais teóricos e práticas relacionadas ao tripé que fundamenta essa abordagem, constituído pela psicanálise, psicodrama e dinâmica de grupo. Ainda aborda questões metodológicas, incluindo algumas importantes recomendações quando da utilização do modelo. Enfatiza a natureza multireferencial da abordagem e cita alguns dos estudiosos que a embasaram e os principais fundamentos de suas obras. Finaliza, enfatizando os benefícios e os resultados advindos do emprego da abordagem em questão, mormente como valioso instrumental para leitura e análise do processo grupal.

Palavras-chave: Psicodrama triádico, psicanálise, psicodrama e dinâmica de grupo.

¹ Psicodramatista e Psicóloga Clínica e Organizacional.
Didata pela Sobrap em Psicodrama Triádico, Dinâmica de Grupo e Psicoterapia de Orientação Psicanalítica
E-mail: padilha@terra.com.br.

Introdução

“Grupo Triádico ou Psicodrama triádico” é multireferencial e comporta no mínimo três referências: Freud, Lewin e Moreno. Mas, há um leque de possibilidades para incluir outras abordagens e teorias, desde que o coordenador/terapeuta faça a leitura dos sinais que vem de forma manifesta ou latente de dentro do grupo, expressa no “aqui e agora”. É uma abordagem existencialista-humanista, a vivência do espaço e tempo interage-se, surgindo o material que o grupo/indivíduo necessita ser trabalhado (Pierre Weil, Sobrap, Psicodrama Triádico, 1977).

O grupo que temos como objeto e sujeito de estudo é a “tríade” a que Moreno se referia: o psicodrama, a psicoterapia de grupo e a sociometria. Essa informação nos serve como um dado histórico. Outras tríades são acrescentadas nesse objeto-grupo.

Pierre Weil (1977) funda em 1958 o “Group français d’études de sociométrie, dynamique des groupes et psychodrame”, incluindo simultaneamente no estudo do grupo a psicanálise, o psicodrama e a dinâmica dos grupos e sua sociometria, integrando assim: Freud, Moreno e Lewin.

Esse grupo como objeto de estudo foi crescendo, novos estudos foram feitos, novas experiências foram vividas e assim essa tríade foi aprofundada, “metabolizando” diversas outras abordagens como Carl Rogers (o enfoque não-diretivo, existencialismo, humanismo), a vivência do espaço e tempo psicológico, o campo, os jogos transacionais, a comunicação, os papéis, as representações sociais.

O psicodrama - etimologicamente, psychs: alma e drama: ação - é a exploração daquilo que foi vivido pelo grupo, trazido para o presente na forma do “aqui e agora”. É centrado no grupo. O psicodrama é realizado no grupo, pelo grupo e com o grupo,

utilizando-se das vivências expressas que provocam em todos os participantes uma ressonância grupal.

O psicodrama trata do passado, do presente e do futuro; fazendo parte do tripé, podendo ser utilizado na clínica, nas instituições, nas comunidades e nas organizações. Praticam-se em grupos que, quanto ao tamanho, pode variar de dois a dois mil participantes. Podem, ainda, ser fechados ou abertos.

Essa abordagem lança mão da representação das ações, representações mentais, afetos, emoções, representações de papéis, vivência do “T-Group”, da psicanálise, com base no existencialismo, a fenomenologia e o simbolismo. As técnicas escolhidas são instrumentos para ajudar a alcançar os objetivos, mas devem usadas de acordo com as necessidades do grupo e servem de apoio para o coordenador/terapeuta.

A coordenação do grupo deve estar centrada em uma equipe que possui um funcionamento igualitário, onde nenhum membro tem mais poder que o outro. É uma relação transpessoal em que um coordenador/terapeuta ou uma co-coordenação fica à frente com o grupo de acordo com a necessidade do mesmo. Daí a importância desse grupo de coordenação funcionar como uma verdadeira equipe. Desejamos também mostrar, que por trás da produção desse artigo está uma equipe que trabalha na gestão de grupos, quer seja grupo psicoterapêutico ou de formação, aí incluindo-se o desenvolvimento interpessoal, o desenvolvimento de equipes e o desenvolvimento organizacional.

Diz-se, freqüentemente, que se trata de um grupo centrado no próprio grupo, sem estar preso a um planejamento prévio e nem a técnicas previamente escolhidas, e sim adequado ao momento grupal, o que pode provocar uma sensação de desestruturação e perda de controle sobre o grupo. Mas, o que está ocorrendo é que temos confiança na nossa

leitura do grupo. Devemos estar cientes de que o grupo deve funcionar de forma igualitária, criando um triângulo: **grupo - coordenação – instrumentalização**.

Para funcionar dessa forma, temos integrado no grupo triádico as contribuições da psicanálise de grupo, a análise da interação e a permissividade do “T-Group”, juntamente com o degelo da espontaneidade, a tomada de consciência, a aprendizagem de papéis, o trabalho de corpo, do espaço e do tempo. O conjunto desses enfoques ajuda a compreender melhor a evolução do grupo como um todo e a cada um dos indivíduos, bem como suas relações dialéticas.

Etapas do Grupo Triádico

O grupo triádico compõe-se classicamente de três partes: a preparação do clima, o aquecimento (“warming-up”) ou jornal falado, a ação, a produção, a volta ao grupo e o processamento ou fechamento do encontro, do momento ou etapa grupal.

O primeiro momento grupal, ou aquecimento do grupo pode ser direto ou indireto, verbal, corporal, com uso ou não de objetos intermediários, parecido com o aquecimento do psicodrama e do grupo-análise de Foulkes.

No momento ou etapa de produção utiliza-se de diversas abordagens, técnicas, instrumentos, jogos, procedimentos. Trata-se antes de uma extensão através do jogo dramático, das interações e vivências do grupo que pode ser um “T-Group” ou um grupo analítico, isto é, um eco evocando outro, como numa engrenagem de muitas peças que vão se encaixando umas nas outras; há uma troca de experiência, de aprendizagem, afetos, tanto no “aqui e agora” como em situações do dia a dia; aborda-se tanto o indivíduo como o grupo, aparecendo como tema ou conteúdo, as referências do coordenador, evocando uma cadeia de associações ou, melhor dizendo, ressonância grupal, como se fosse uma imagem refletida em espelho duplo, quase até o infinito.

Pode-se, então, comparar o grupo triádico com uma rede em que se constrói a trama, ao mesmo tempo, que se faz o ponto.

Há no grupo centrado no próprio grupo, várias abordagens, a integração e a combinação de diversas teorias; não há nenhum aspecto “teórico” prevalecente, nenhum padrão exclusivo de interpretação: cria-se um lugar onde a mesma expressão poderá ser entendida em várias linguagens e decodificada segundo diversas referências.

No processo grupal ocorre a decodificação em diversos sentidos (fala, corpo, risos, silêncios), acontecendo à formação de vários subgrupos, situações caóticas, situações paralelas, triangulares etc., o que favorece a correlação com situações familiares, sociais, primitivas, institucionais podendo, assim, associar situações do “aqui e agora” com o “lá e então”.

Quando se trata de uma situação a ser trabalhada pelo grupo, observa-se que a referência a uma única teoria, muitas vezes cerceia ou bloqueia a compreensão, a decodificação e a interpretação do que se passa.

Aí temos um exemplo comum que ocorre em grupo: numa experiência em um grupo o coordenador/terapeuta pode centrar seus sentimentos, percepções no “aqui e agora” e pensa ou escolhe uma fala ou uma atividade porque, nesse momento se sente como um radar para compreender melhor o que está se passando no grupo; ele percebe o que é mais apropriado, ou melhor, para o grupo e, como coordenador/terapeuta, fica observando e lendo o grupo em seu processo, conteúdo sem perder sua estrutura, conforme observa Maré (1974).

Abordagem Usada no Grupo Triádico

É uma abordagem aberta que tem por efeito:

- Não recorrer a aplicações de uma abordagem sobre a outra. É a análise e o controle da escolha do referencial preferido em dado momento. Nessa abordagem nada é definitivo, levantando-se apenas hipóteses, interrogando e assumindo postura criativa e espontânea.
- Nada é fechado, sempre há possibilidade de se ouvir novas demandas do grupo.
- A leitura do grupo é multifatorial. Cria-se articulação entre o real, o imaginário e o simbólico, no sentido que lhe dá Jacques Lacan na sua referência ao verbal e ao ponto do botão, unindo o consciente e o inconsciente. Para ilustrar isso, Lacan citou o anel de Moebius e começou a estudar os “anéis dos Borromeus” (Weil, 1977).

Utilizamos estes anéis dos Borromeus para explicar, ao mesmo tempo a ligação grupal existencial no “aqui e agora” do grupo, entre os participantes, e a não ligação fusional, a liberdade a todo instante de cada um num sistema aberto (Bertalanfg, 1984).

Usamos também esta comparação com os nós de Borromeus para explicar que no sistema triádico, há lugar para a coexistência de diferentes sistemas e de relações diversas, antagônicas e conflituais. O nome “triádico” foi mantido apenas por razões históricas, já que começou com três teorias.

O grupo nesta abordagem utiliza-se de diversas técnicas: a palavra, a interação, o corpo, o movimento, a análise da dinâmica do grupo, a dinâmica das relações de liderança, a relação da transferência e das resistências no “aqui e agora”.

No grupo transreferenciais, o coordenador pode escolher um caminho preferencial, talvez arriscado, mas menos longo e menos penoso, mais adequado ao projeto que se procura executar; tal abordagem não há de ser considerada como a evitação a um ponto

difícil. É preciso perceber, compreender e saber lidar, contornar o que o grupo está apresentando: escolher a palavra, a dramatização, a interpretação.

Mas apesar desta múltipla escolha, essa abordagem traz uma coerência interna, uma lei oriunda do interior da situação e permite um outro tipo de coerência interna e externa e de relações com o exterior, de acordo com Weil (1977).

O grupo multireferencial é aplicado não só como modelo clássico, mas também, dentro de trabalho institucional e organizacional. Certos grupos são mais verbais (discussões, exposições etc.) mais centrados em jogos, vivências, dramatizações, análise de processos grupais onde tenham reflexo de variáveis internas e externas.

Interpretação no Grupo Triádico

Podemos fazer uma interpretação cumulativa triádica (Weil, 1977), de acordo com o “aqui e agora”. Há interpretação, no sentido psicanalítico do termo, quando uma intervenção é entendida e compreendida com vários referenciais: ao nível individual, ao nível do grupo em termos de interação, entre dois participantes, entre um participante e o grupo, entre um indivíduo e o coordenador/terapeuta, entre o grupo e o coordenador/terapeuta, ou em termos de intervenção, em forma dramatizada, onde o grupo ou o indivíduo pode ser o protagonista.

Podemos citar Foulkes (1948) e a comunicação interpessoal, quando ele fala da “associação livre” podendo focar o manifesto, o latente e o recalcado expressando assim o inconsciente grupal, individual e institucional.

O sistema multireferencial abre ao coordenador/terapeuta todo o leque de possibilidades. Para se compreender a decisão do coordenador/terapeuta, é preciso analisar o que se passa no “aqui e agora”, existencialmente, tendo o cuidado para que o trabalho não vire uma “salada russa”, ou fazer “qualquer coisa”, ou fazer de “qualquer maneira”.

A atitude pluridisciplinar é assumir a postura de uma procura de intervenção adequada e uma leitura com diversas abordagens: antropológica, sociológica, psicológica, psicanalítica, matemática, cibernética. A ambigüidade que introduzimos na nossa abordagem consiste em que um dos referenciais seja usado como figura e os outros, como fundo.

Um Grupo Multireferencial

A abordagem multireferencial baseia-se também, na Pesquisa-Ação, Educação de Laboratório e Análise do Campo de Forças de Kurt Lewin. Pesquisa-Ação é um processo de resolução de problemas (conjunto de atividades). Compõe-se de quatro etapas: coleta de dados, diagnóstico, ação e avaliação. A Educação de Laboratório é um termo genérico, aplicado a um conjunto metodológico visando mudanças pessoais a partir de aprendizagens baseadas em experiências diretas ou vivenciais.

As mudanças pessoais podem abranger diferentes níveis de aprendizagem: nível cognitivo, emocional, atitudinal e comportamental. Modalidades diversas de processos de influência social visam, principalmente, níveis de aprendizagem. Assim, por exemplo, o alvo primordial da psicoterapia é o nível emocional; do ensino tradicional, o cognitivo; da educação de laboratório, o de atitudes, englobando funções e experiências cognitivas e afetivas.

O laboratório de treinamento e desenvolvimento utiliza uma abordagem vivencial em que a experiência global compartilhada no espaço /tempo do grupo “aqui e agora” serve de ponto de partida para a aprendizagem de cada um e de todos.

A aprendizagem vivencial compreende um ciclo de quatro etapas seqüenciais e interdependentes: atividade, análise, conceituação e conexão. O processo vivencial de aprendizagem pode eventualmente, não conduzir aos resultados desejados, como acontece

com qualquer outra modalidade de aprendizagem. A aprendizagem depende de fatores internos e externos, do aprendiz e da situação. Esses fatores poderão ser forças impulsoras ou restritivas para o processo de mudança.

Essas mudanças comportamentais, percebidas e sentidas pelos participantes, permitem inferir mudanças de atitudes, num plano mais significativo e profundo. Podemos perceber maior capacidade de observação e reflexão, de sensibilidade aos outros, de sensibilidade ao processo de grupo, de tolerância à ambigüidade, a novos controles emocionais e a capacidade de dar e receber “feedback”.

Trabalhar em perspectiva triádica é saber que o coordenador/terapeuta tem à sua disposição um conjunto de técnicas, um leque, uma paleta, que pode lançar mão, como numa sinfonia tocada por uma orquestra, utilizando o instrumento adequado à situação, conforme o coordenador/terapeuta a percebe, num contexto que é, ao mesmo tempo, individual, grupal, institucional e organizacional.

Nesta abordagem falamos dos principais fatores terapêuticos do grupo conforme Foulkes:

- O primeiro é a estimulação da integração social e o conforto no isolamento. Foulkes insiste na “necessidade fundamental do indivíduo de ser compreendido por ele e de estar preso a ele”, a despeito de seu impulso de se retirar dele: “a fundação social”.
- O segundo fator é a reação do espelho. O sujeito vê-se no espelho social do grupo, descobre-se à medida que há manifestações, em uma cadeia quase infinita de associações de pensamentos, e de ações, no sentido psicodramático. É como se a gente se olhasse, olhando para si mesmo, e dois espelhos opostos

refletissem a nossa imagem ao infinito. Há uma reprodução da imagem do “aqui e agora”, e uma imagem dentro e atrás daquela que a gente vê.

- O terceiro fator é o processo de comunicação;
- O quarto fator é a interdependência das modificações que ocorrem no grupo e nos indivíduos que o compõem. Se o grupo é o campo de ação da análise de grupo, seu campo é para Foulkes (1948), “o grau ótimo de liberação e de integração do indivíduo”. O campo de ação é a malha das interações na matriz psíquica (mental) do grupo.

Esses quatro fatores terapêuticos do grupo definem melhor a questão que as afirmações teóricas de Foulkes. A noção de que o grupo é uma totalidade produtiva de formações psíquicas específicas, cuja homologação com as do aparelho psíquico deverá ser esclarecida. O conceito de ressonância inconsciente introduzido por Foulkes e esclarecido por Ezriel como ressonância fantasmática merece uma atenção particular: ele recoloca a espinhosa questão da posição da fantasia nos grupos.

O conceito de ressonância vem da física: a noção de vibração fomentadora e a de amplitude dessa vibração. Foulkes (1948) utilizou essa noção para descrever empiricamente um processo psíquico primário da intersubjetividade constituída na relação simbiótica da criança com a mãe: a ressonância inconsciente é definida como o conjunto de respostas emocionais e comportamentais inconscientes de um indivíduo à presença e à comunicação do outro indivíduo. A vibração fomentadora suscitaria o mesmo universo pulsional e representacional entre os sujeitos, mantendo-os numa interação mútua. Essa ressonância foi especificada por H. Ezriel (1950) como ressonância fantasmática. Nos grupos a ressonância fantasmática é um agente de tensão comum e do denominador comum: a fantasia de um

participante suscita e mobiliza outras formações fantasmáticas nos outros membros do grupo em relação de ressonância com o primeiro.

O Grupo como Entidade Psíquica Objeto de Análise

O grupo é uma organização e um lugar de produção da realidade psíquica, uma entidade relativamente independente dos indivíduos que a constituem. O movimento de estudo, divulgação e aplicação da dinâmica de grupo já esteve em pleno apogeu em nosso país. Posteriormente este movimento foi perdendo a sua força. Aos poucos, começam a florescer outras aplicações da dinâmica de grupo nas áreas da clínica, da comunidade, da organização e da instituição. Na atualidade, existem claras evidências de que está havendo um crescimento de centros formadores de coordenadores de grupos com novos estudos e pesquisas relativas a grupos.

Este artigo foi feito para externar a nossa opinião de que um quinhão desse revigoração da múltipla utilização das abordagens de grupo se deve a Sobrap[®] – Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dinâmica de Grupo e Psicodrama, que tem demonstrado uma dedicação, com garra e entusiasmo, pelo ensino teórico e prático, bem como pela divulgação dos fenômenos concernentes ao vasto campo que o Psicodrama atinge.

Não podemos deixar de falar de “grupalidade” com um enfoque mais pluralista, na qual, as diversas temáticas, são semelhantes a espelhos, refletindo uns nos outros, se complementando, se influenciando reciprocamente e interagindo de forma permanente.

Essa abordagem pluralista de leitura do grupo fala de diversas abordagens que formam uma “rede”, que se entrelaçam, em um conjunto único, sustentada por um alicerce conceitual que as sustentam e unificam: a leitura de grupo numa visão triádica.

Referências Bibliográficas

Foulkes, S.H. e outros (1948). *Psicoterapia de grupo*. São Paulo. IBRASA.

Kaës. R. (1997). *O Grupo e o sujeito do grupo*. São Paulo. Casa do Psicólogo

Maré, P.B. (1974). *Perspectivas em psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro. Imago.

Motta, Júlia (1995). *O jogo no psicodrama*. São Paulo. Ágora.

Schutzenberger, A. W Weil, Pierre (1977). *Psicodrama triádico*. Minas Gerais. Interlivros.